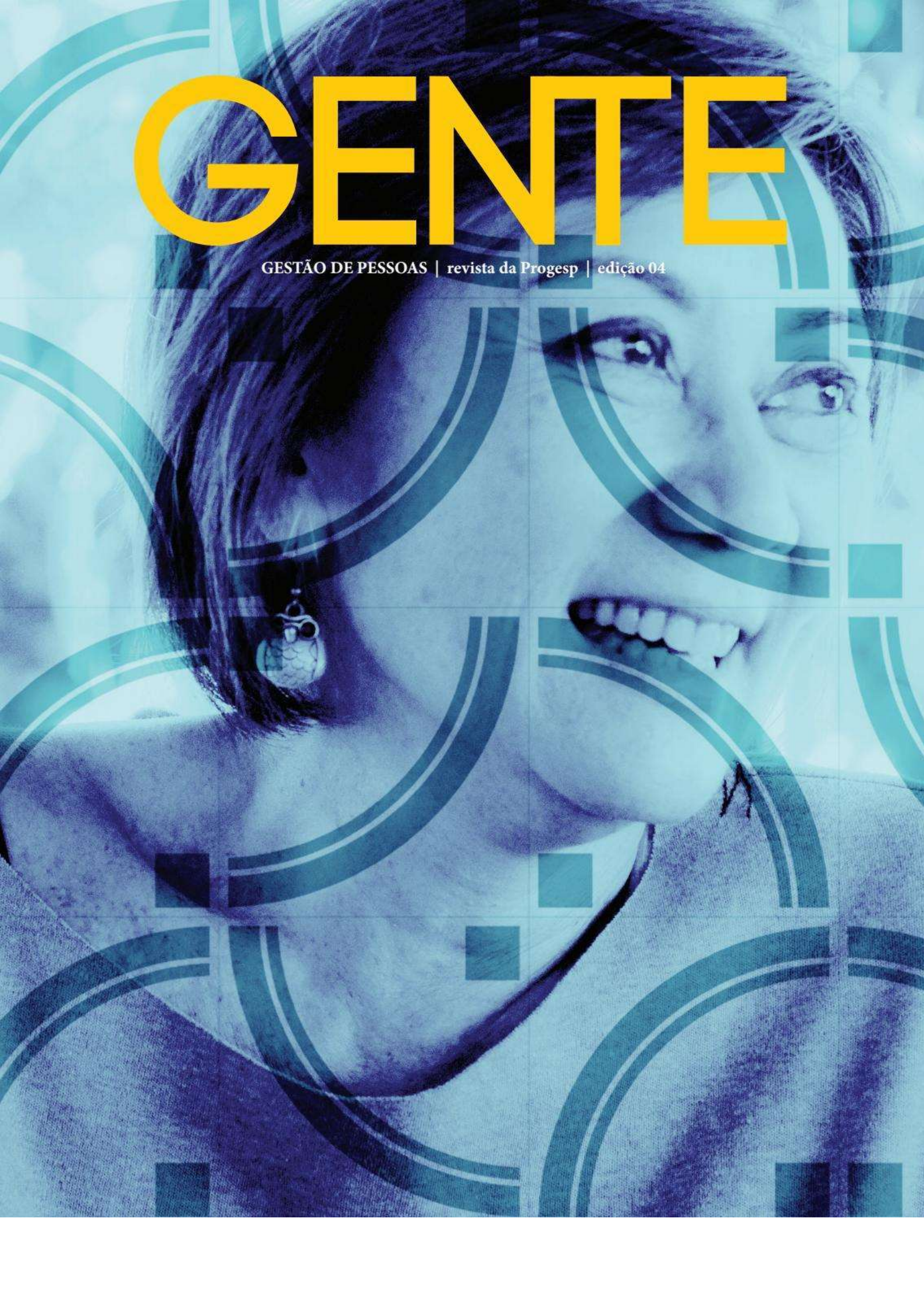


GENTE

GESTÃO DE PESSOAS | revista da Progesp | edição 04





O DIA EM QUE COMEÇAMOS A NOS TORNAR MÁQUINAS NEURÓTICAS

Ciro Marcondes Filho¹

A coisa não veio de repente, como para Gregório, o qual, ao acordar, descobriu que havia se transformado numa barata. Não. Começamos a nos tornar máquinas neuróticas aos poucos, em doses regulares, medidas, devidamente administradas pela nossa cultura. A cultura nos fez neuróticos, mas, veja bem, *a cultura somos nós mesmos*, é nosso ambiente, é nossa casa, nossa escola, nosso trabalho...

O processo pelo qual se fabricam seres e máquinas neuróticas em cada um de nós pode ser muito bem comparado ao processo pelo qual toda a civilização humana tornou-se, ela também, um grande sistema de fabricação de seres mecanizados. O desenvolvimento de nossa vida profissional – constituímos família e que termina quando morremos – pode ser visto numa correspondência direta com a história de nos-

sa civilização. Houve um momento da história de nossa vida no planeta que éramos “crianças”, que não estávamos tão envolvidos com as máquinas e nos relacionávamos com o mundo de forma mais “direta”.

Depois, com o início do desenvolvimento da ciência e da técnica, há cerca de quinhentos anos, passamos a organizar nosso comportamento e nossa vida, assim como o nosso relacionamento com os outros, segundo o modo de agir das máquinas. Deixamos de ser *homo sapiens*, isto é, homens e mulheres inteligentes, prudentes, sábios, e nos tornamos *homo machinialis* (ou, pelo menos, aspiramos a isso).

A máquina é nosso modelo, nosso ideal, nosso sonho. Acariciamos o volante de um carro potente como se fosse o corpo de uma pessoa

desejada. Entregamo-nos ao computador porque ele faz o milagre da transmissão a distância, porque ele nos traz imagens rápidas, porque ele nos abre para mundos novos. Emocionamo-nos com o fato de o telefone celular nos trazer imagens, com o fato de a câmera digital nos dar uma fotografia instantânea, modelável, apagável, o quanto quisermos.... Enfeitiçamo-nos às máquinas porque nós não somos nada disso.

O fato é que estamos absolutamente contaminados por esse pensamento, por essa ilusão mágica, e somos o tempo todo bombardeados com mensagens que nos estimulam esse tipo de visão de mundo. Parece que não há outro. Ou você se torna uma máquina ou não tem saída.

Mas não é bem assim. Há outros mundos, há outras formas de viver, há uma fuga possível dessa maratona de desempenho, produtividade, rendimento, eficácia, competitividade, resultados em que transformaram a vida de quase todas as pessoas neste planeta.

Mas não precisa ser assim naturalmente. O oposto do individualismo do “cada um para si”, frase perversa do estímulo à agressividade, à violência, ao desprezo do outro, é a forma comunitária de produção de um trabalho, a forma solidária de aprendizagem comum, os exercícios de solicitude, préstimo, atenção, porém, em geral, nada disso é praticado, pois os próprios professores também são resultados dessa educação para a competitividade (leia-se para a exclusão do outro); são, geralmente, inconscientes daquilo que eles estão dinamizando nos alunos. Por isso, a “máquina escolar” parece funcionar automaticamente, com um sistema autônomo, sem piloto, em que não é preciso nenhuma recomendação, nenhuma instrução para que os professores atuem dessa maneira: isso já ocorre espontaneamente.

Assim somos todos adestrados para a chamada “vida profissional”, para uma selva em que devemos lutar como animais ameaçados de extinção, para um ambiente de trabalho em que aquele que se senta a nosso lado é um possível inimigo; alguém que, mesmo sendo simpático, agora poderá, numa oportunidade favorável, tomar nosso posto; alguém cujo trabalho poderá agradar mais ao chefe, isto é, não mais como um colega, mas como nosso *caçador*. E o medo se espalha de tal forma que acabaremos puxando o tapete dele, mesmo que ele não nos tenha feito nada, apenas levados pela fantasia de que ele faça o mesmo.

É muito comum o fato de que, para se estabelecer, para se impor, para “vencer”, o capitalista, o empresário, o tecnocrata, o empreendedor use agressividade, dureza, violência, brutalidade, hostilidade, perversidade, desrespeito. O livro *Fausto*, do escritor alemão Goethe, comenta como o empreendedor tem de passar por cima de todos, tem de “vender a alma”, tem de abrir mão de tudo o que tinha de sensibilidade e de civilidade para impor-se. E quando para, morre.

Mas seria esse nosso único e indesejável destino? Essa compulsão ao trabalho, ao rendimento, à produtividade, essa obrigatoriedade de nos maquinizarmos, o abandono daquilo que nos faz diferentes das máquinas, dos aparelhos e dos sistemas, é essa a única via possível? Mas com ela pagamos o preço de nossa vida, pois não se pode viver, não se pode ter prazer, não se pode ter sensibilidade para a pessoa amada, não se pode apreciar o mundo e tudo que ele tem de bom, pois estamos, como seres mágicos, proibidos disso tudo.

Daí a pergunta inevitável: se a única obsessão é seguir as regras do jogo, regras de disciplinas e de submissão, e se o preço é a própria vida, en-

tão não nos resta mais nada a perder, já que não fazemos outra coisa senão perder, perder tudo. Então, convém agora *aprender a perder*. Vamos perder aquilo que nos escraviza: o tempo. Trata-se, de agora em diante, e para o resto de nossas vidas, de iniciar uma nova ética: a de perder tempo. Perder tempo para ganhar a vida. Você me acompanha?

A leitura completa desse artigo encontra-se no livro do autor Ciro Marcondes Filho: "Perca tempo – É no lento que a vida acontece". Editora Paulus, 2005.

1. Sobre o autor:

Ciro Marcondes Filho é pesquisador nível 1 do CNPq, professor titular da USP desde 1987, publicou mais de quarenta obras nas áreas de comunicação, jornalismo, cultura de massas e filosofia. Doutorou-se em Frankfurt, na Alemanha, e realizou pós-doutorado em Grenoble, na França.

Alguns de seus livros:

A produção social da loucura (2003); Até que ponto de fato nos comunicamos (2004); O escavador de silêncios (2004); Perca tempo – É no lento que a vida acontece (2005); Para entender a comunicação (2008); O pulsar da vida (2008); Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões (2009); Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria (2009); Superciber: a civilização místico-tecnológica do século 21 (2009); O princípio da razão durante – Da escola de Frankfurt à crítica alemã contemporânea, Tomo II (2011); O princípio da razão durante – O Círculo Cibernético: o observador e a Subjetividade, Tomo III (2011); O princípio da razão durante – Diálogo, poder e interfaces sociais da comunicação, Tomo IV (2012); O princípio da razão durante – O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica, Tomo V (2010).

